

PFL teme o caos, PMDB já fala em romper com governo

Os partidos que formam a Aliança Democrática criticaram duramente o governo e passaram às hostilidades abertas entre si. O presidente do PFL, Maurício Campos, afirmou que o país está à beira do caos administrativo. "Estamos próximos do fim porque o presidente José Sarney perde força a cada momento", disse.

virtual candidato à 1ª vice-presidência do PMDB para substituir o deputado Ulysses Guimarães no comando partidário, ameaçou: "Ou o governo cumpre o programa do PMDB ou o PMDB rompe com o governo". Ele disse que as propostas de política econômica do partido têm sido totalmente ignoradas.

Mineiros atacam "desgoverno"

Brasília — Reunida na residência do ministro Marco Maciel, Asa Sul da capital, a cúpula do PFL não poupou críticas à política econômica do governo Sarney. Na mesma noite de segunda-feira, do outro lado da cidade, reunida na casa de Aécio Neves, neto do fundador da Nova República, a maior bancada do PMDB, a de Minas, deixava de lado a discussão sobre a escolha do líder do partido para, por três horas, atacar duramente o governo, chamado de "desgoverno" pelo deputado Luís Alberto Rodrigues, que acrescentou: "O presidente Sarney está imobilizado na áreas críticas."

iniciada às 21h, já durava duas horas. Pediu que a bancada mineira esquecesse suas postulações e mesmo a candidatura Milton Reis, fazendo o que, ontem, chamava de "antevisão do processo político".

— Diante desse quadro, pergunto se vale a pena postularmos regionalmente ou pensar primeiro na República e no partido, renunciando a qualquer candidatura em nome da resistência unitária do PMDB. Acho que a hora é de uma posição que obrigue o governo a sair do imobilismo, ser governo de fato e assumir de vez, ou não, que o PMDB é a sua bancada.

Segundo três dos participantes da reunião, o "sentimento" dominante na bancada é de que a nomeação de Carlos Sant'Anna como líder do governo na Câmara é uma tentativa de "dividir" o PMDB. Segundo Brant, "foi ecumênica", reunindo conservadores e esquerdistas, a opinião de que é "caótica" a situação econômica e de que existem articulações para atingir e tentar dividir o PMDB.

Mais do que as palavras, dizem os três dos parlamentares presentes, o espírito da bancada pode ser definido pela posição informalmente anunciada ao final do encontro. O senador Ronan Tito, da chamada "esquerda católica", o deputado Carlos Mosconi, dos moderados, e Rosa Prata, conservador, prometeram comparecer ao protesto dos agricultores contra o governo, marcado para amanhã em Brasília. Durante a reunião de três horas não se levantou uma única voz em defesa do governo.



Aécio Neves



Ronan Tito

Camargo pede reunião urgente

Brasília — O senador Afonso Camargo (PMDB-PR), ex-ministro dos Transportes, pediu a realização de uma reunião de emergência da executiva do PMDB, a fim de que esta convoque extraordinariamente o Diretório Nacional, a quem caberá um pronunciamento oficial sobre a crise econômica.

"Se o governo, depois disso, continuar executando o antiprograma do PMDB, o partido será obrigado a abandonar o governo, pois não podemos mais ficar numa posição de meio-governo e meio-oposição", afirmou Camargo.

O senador não está só nessa posição. Ele apenas reflete a posição de um grupo de parlamentares do PMDB — integrados, entre outros, pelos senadores José Richa (PR), Severo Gomes (SP), Mário Covas (SP) e pelos deputados Euclides Scalco (PR) e Fernando Gasparian (SP) — que, após se reunir com os ministros Dilson Funaro, da Fazenda, e João Sayad, do Planejamento, concluiu que o próprio governo não sabe como resolver a crise. "O presidente Sarney não pode ficar em uma posição de inércia, esperando que seus ministros se entendam. Ele tem o dever de ditar um rumo para a economia. Quem discordar que saia da equipe", afirmou José Richa, que hoje deve formalizar essa sugestão ao próprio Sarney.

O PMDB, na verdade, segundo Camargo, não está fazendo nada de novo, ao ameaçar o governo. Este, segundo o senador, tem desprezado todas as propostas do partido, inclusive as que foram apresentadas no congresso do PMDB, cujo encerramento contou com a presença do próprio Sarney. Nesse congresso, realizado nos dias 27 e 28 de agosto do ano passado, o PMDB pediu a redução das taxas de juros, combate à inflação e melhores salários para o trabalhador. Discursando naquele dia, Ulysses Guimarães foi claro para Sarney: "O apoio do PMDB não é pessoalmente a Vossa Excelência, presidente José Sarney. Apóia Vossa Excelência porque Vossa Excelência está sendo as pernas para que a mudança ande. Temos de andar cêlere, senhor presidente, senão desandamos todos com a desordem social."

O mais grave, segundo Camargo, é que o governo tem feito tudo para negar as sugestões do PMDB quanto às altas taxas de juros. "A política financeira do Banco Central é totalmente contrária a todas as propostas do PMDB e o senhor Fernão Bracher debocha do partido, afirmando que a proposta de tabelamento de



Brasília — José Varella

Camargo: "Quem discordar saia"

juros, contida nos documentos dos governadores, "é de quem não enxerga um palmo adiante do nariz". Ele desrespeitou a direção do PMDB e seus governadores", disse o senador, ressaltando que a solução não está apenas em demitir o presidente do Banco Central, "pois o problema não é de homens, mas de idéias".

Propostas

Em todas as propostas apresentadas ao governo, o PMDB sempre se bateu contra as altas taxas de juros. As vésperas do Plano Cruzado, o partido apresentou um documento sob o título "Compromisso é com as mudanças", sugerindo num dos primeiros itens "o combate à inflação a partir de suas causas financeiras, como a redução dos juros internos e revisão dos mecanismos de correção monetária".

No dia 4 de dezembro, a executiva do partido, em documento à nação, pediu o "tabelamento de juros para captação de poupança pelos intermediários financeiros e, consequentemente, para as respectivas aplicações". O último documento do PMDB, aprovado no dia 14 de janeiro passado, durante reunião dos governadores, disse que "o povo brasileiro não quer a inflação alta, desmedida, que corrói salários, impede esforço criativo dos empresários no árduo campo do mercado, abriga a especulação financeira e a taxa de juros, criminosos e estéril, que precisa ser controlada para não tornar-se destruidora das iniciativas saudáveis e, afinal, desorganizar a economia".

Sant'Anna enfrenta a 1ª missão

Brasília — O novo líder do governo no Congresso, Carlos Sant'Anna, prepara-se para enfrentar sua primeira missão: dissuadir o deputado Maurílio Ferreira Lima de prosseguir em seu movimento para dar todos os poderes à Constituinte. Os dois terão um encontro hoje, mas o deputado não adianta a argumentação que usará. "Vamos conversar, estamos aí para isso", diz ele. Sant'Anna, que percorreu os corredores da Câmara dizendo-se disposto a "fazer ouvidos de mercador" a seus críticos, esteve no gabinete do deputado Ulysses Guimarães, um dos que jamais se entusiasma com a criação da função de líder do governo.

"O Ulysses gosta de mim e foi carinhoso comigo", disse ele após a visita. O fato é que o presidente do PMDB, da Câmara e da Constituinte, que um dia antes se mostrava mais simpático à acumulação das lideranças de seu partido e do governo na Câmara, já mudou de opinião: "O presidente Sarney se definiu pela idéia de ter um líder do governo na Câmara, e nós o apoiamos" — disse, ao deixar a presidência da sessão da Constituinte e ir para seu gabinete.

A tabelinha entre Ulysses e Sarney é que adiou a eleição de líder do PMDB, pois o presidente — que pediu o adiamento — teria que abdicar da escolha do seu próprio líder para apostar num dos quatro deputados que disputam a colocação. Ulysses baseou sua argumentação no fato de que tal tipo de liderança sempre ter sido exercido no Congresso, mas esquivou-se a comentar a circunstância de a indicação se dar numa época de Constituinte.

Sant'Anna já admitiu que atuará "informalmente" na Constituinte. Ele terá encontros semanais com o presidente. Sua função, disse ele, se resume numa palavra: "articular". Ela dará mais liberdade aos líderes das bancadas do PMDB e do PFL na Câmara. No entanto, será uma tarefa difícil, "pois me caberá compatibilizar a fidelidade ao presidente, ao PMDB e aos ideais da Nova República", disse ele.



Sant'Anna faz visita a Ulysses

Jânio receia que inflação traga ditadura

Brasília — O prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, revelou ontem ao Presidente da República seu temor de que o processo inflacionário brasileiro leve o país a uma crise institucional. "Eu nos unimos contra a inflação, ou ela nos devora, como devorou a República de Weimar. Toda inflação galopante é uma ante-sala para a ditadura", disse o prefeito, em tom grave, depois da audiência com o presidente.

Jânio Quadros esteve no Palácio para falar do momento político com o presidente, assunto que o levou a sair do gabinete dizendo-se preocupado: "Eu recomendaria a todos um pouco de juízo. Ele acha que está faltando apoio popular a "um governo bem-intencionado, que jamais praticou um ato de má fé."

Senado discute como reduzir o poder de Lucena

Brasília — O senador Humberto Lucena poderá perder grande parte dos poderes discricionários de que dispõe para presidir o Senado, pois a Mesa diretora da Casa começou a discutir a fonte desses poderes: o Ato n.º 2, de 1973. Por esse ato, encabeçado pelo presidente Filinto Müller, seis membros abdicaram de suas funções para que o presidente pudesse, sem sequer consultá-los, "nomear, aproveitar, transferir, readmitir, reverter, aposentar, pôr à disposição, ou exonerar funcionários do Quadro do Senado Federal", entre outras providências.

Foi por iniciativa dos senadores Odacir Soares, segundo secretário, e José Inácio, primeiro vice-presidente que se iniciou o movimento de descentralização do poder para que cada membro da mesa possa responder por áreas como Centro Gráfico, Processamento de Dados, Secretaria Legislativa, Divulgação, Administração, Serviços Médicos e de Segurança. Representação do Rio de Janeiro, etc. O presidente Lucena reage com firmeza à rebeldia de seus pares, alegando que a delegação de competência da mesa presidida por Filinto Müller é intocável.

Na gestão passada houve um ligeiro ensaio de rebeldia semelhante, liderado pelo primeiro vice-presidente, Guilherme Palmeira, que não foi acompanhado pelos demais companheiros da Mesa e em razão disso, o presidente José Fragelli presidiu o Senado imperialmente sem dividir o poder. Em compensação, Palmeira recusou-se a participar das reuniões da mesa — a partir da segunda — argumentando que a Diretoria não passava de uma ficção. O senador alagoano chegou até mesmo abandonar seu luxuoso gabinete de paredes espelhadas da Vice-Presidência, alojando-se na Ala Teotônio Vilela onde se situam os gabinetes privados.

Candidatos terão debate com bancada

Brasília — A bancada do PMDB na Câmara se reúne finalmente às 17h de hoje para escolher seu novo líder, depois de um debate de duas horas, pela manhã, entre os candidatos e os eleitores. Com a decisão do presidente José Sarney de fazer do baiano Carlos Sant'Anna o líder da maioria no Congresso, os 258 votos serão disputados pelos outros três candidatos: Luís Henrique (SC) — apontado como o favorito —, Milton Reis (MG) e João Hermann (SP).

O último dia de campanha, ontem, foi dos mais movimentados. Um grande trânsito se estabeleceu entre o Congresso e o Palácio do Planalto, os candidatos fizeram um verdadeiro corpo-a-corpo com os eleitores, e houve até um que passou as últimas 24 horas sendo pressionado para retirar-se do páreo: o mineiro Milton Reis.

Na véspera, depois da reunião entre o atual líder, Pimenta da Veiga, e os representantes dos então quatro candidatos e que acabou adiando o pleito para hoje, Milton Reis telefonou ao presidente José Sarney, quando foi comunicado da indicação de Carlos Sant'Anna.

Logo em seguida, Reis reuniu-se com a bancada mineira e foi aí que recebeu um ultimato. "Falei há pouco com o presidente, e ele disse que sou o seu candidato", disse ele para ouvir em troca: "As informações que temos não batem com a sua", disse-lhe Leopoldo Bessone, um dos parlamentares mais próximos ao governador eleito de Minas, Newton Cardoso.

Na reunião entre Milton Reis e os deputados mineiros — foi feita na casa de Aécio Neves e contou com a presença de 33 dos seus 35 membros —, foi apresentado um levantamento feito entre os pemedebistas para conferir a posição de Reis no páreo. Segundo esses números, que serviriam para convencer o candidato a retirar-se do páreo, ele até agora só tem 70 votos absolutamente certos e poderia investir em outros 60.

Milton Reis não aceitou a tese da renúncia, disse ter condições de vencer, mas recebeu um ultimato para que a bancada ficasse oficialmente ao seu lado: um telefonema do presidente Sarney, extensivo a Newton

Cardoso, garantindo-lhe apoio. O telefonema teria que acontecer até a noite de ontem, quando os mineiros voltariam a se reunir. Mas ele acabou não acontecendo.

Já o catarinense Luís Henrique gastou seu último dia de campanha em contatos com os eleitores e foi o único dos candidatos a não ter uma conversa com o presidente nas últimas 48h. Pelos seus cálculos, ele conta com 146 votos — o que lhe garantiria maioria absoluta já no primeiro turno.

O deputado João Linhares (SC), que apoiava a candidatura de Carlos Sant'Anna, gastou parte da manhã fazendo cálculos junto com o novo líder da maioria e também concluiu que a vitória seria de Luís Henrique, com mais de 50 por cento dos votos. Segundo o raciocínio dos dois, os deputados baianos da ala progressista, com a saída de Sant'Anna do páreo, transferirão seus votos para Henrique.

— Todos estão achando que sou o fiel da balança, mas vou ser o pêndulo — garantia, por seu lado, o paulista João Hermann, que conta com o apoio de parte da esquerda, dividida entre ele e Luís Henrique. Hermann foi surpreendido às 8h30min de ontem com uma ligação do presidente Sarney, que lhe comunicou a indicação de Sant'Anna. O presidente lhe explicou, então, que a indicação se daria ainda ontem, pois estava preocupado com a unidade do PMDB e que o novo líder teria, como primeira tarefa, costurar essa unidade já para a eleição.

Herrmann comunicou ao presidente que não retiraria sua candidatura, mas, à tarde, durante a sessão da Constituinte, costurou um acordo com Luís Henrique, segundo o qual um destinaria seus votos ao outro, caso a eleição não seja definida no primeiro turno e um deles vá ao segundo turno na disputa com Milton Reis.

Partidários de Hermann reconhecem o favoritismo do catarinense, que, embora não conte com o apoio acintoso do presidente do partido, Ulysses Guimarães, por exemplo, tem a trabalhar pelo seu nome alguns dos parlamentares mais ligados a Ulysses, como Euclides Scalco (PR), Heráclito Fortes (PI) e Fernando Gasparian (SP).

Campos avisa que vai jogar duro

Brasília — O presidente do PFL, deputado Maurício Campos (MG), condenou a acumulação de poderes nas mãos do presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, e os confrontos entre a bancada pemedebista e o governo federal, que, segundo ele, estão enfraquecendo o governo Sarney. Maurício Campos foi um dos participantes do jantar que reuniu na noite de segunda-feira todo o comando do PFL na casa do ministro-chefe do gabinete civil, Marco Maciel. Ele disse que o partido agora vai ser duro com os ministros do PMDB.

Irritado com a nomeação de um líder do governo na Constituinte — "não estou convencido da viabilidade da criação desse cargo" —, Maurício Campos revelou que os principais líderes do PFL passarão a enfrentar, de agora em diante, os ministros do PMDB, como fez Aureliano Chaves, condenando a forma de distribuição do dinheiro arrecadado com os empréstimos compulsórios sobre os combustíveis. Aureliano recebeu, por escrito, um pedido de parcelamento da arrecadação dos tributos pelo ministro Raphael de Almeida Magalhães, no valor de Cr\$ 4 bilhões, para cobrir déficit da Previdência.

— O ministro Aureliano Chaves foi duro e vamos reagir desta maneira — disse o presidente do PFL, explicando que tais atitudes não significam ainda um rompimento do seu partido com o governo Sarney: "Estamos divididos em duas correntes: uma quer assumir a oposição; outra, consciente de suas responsabilidades com um regime de transição, prefere continuar alinhada ao governo", disse.

Disposto a ouvir todo o conjunto do partido para assumir uma posição "comum", o deputado vai reunir as lideranças regionais em Brasília no próximo dia 19 e visitar as seções do partido do Norte e Nordeste antes do dia 15 de março.



Arquivo

Campos: "Vamos reagir agora assim"

De acordo com um ministro, o PFL negociará com o presidente José Sarney mais espaços para seus aliados no governo federal, uma vez que os estados serão ocupados pelos pemedebistas. Se o governo não ceder, o ministro acha possível que o PFL assumira uma linha crítica nos debates constituintes. Para alguns parlamentares a hora pode ser esta, após o pronunciamento do ministro Aureliano Chaves.

— O PMDB não tem proposta para a crise econômica e vamos nos alinhar à classe média, lançada na oposição — prega outro pefelista, deputado Edme Tavares (PB), classificando a entrevista do ministro Aureliano Chaves como a arrancada definitiva ao rompimento do PFL com o governo.

CLASSICARINHO?
CLASSIFICADOS JB
580-5522